

“ELE ME CHAMOU DE COMEDOR DE BURRITO”: XENOFOBIA, IMPOLIDEZ E AMEAÇA À FACE DE IMIGRANTES LATINOS NOS ESTADOS UNIDOS

Fernanda Vieira da Rocha SILVEIRA¹
Gabriella dos Santos FERREIRA²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i2.3453>

Resumo: Este estudo de natureza qualitativa e cunho etnográfico tem como objetivos abordar a xenofobia nas interações comunicativas entre estadunidenses e imigrantes latinos nos Estados Unidos através da impolidez no discurso e analisar a sua influência na ameaça à face desse grupo de imigrantes. O aporte teórico incluiu os conceitos de xenofobia e a contextualização da situação do imigrante no corpo social dos Estados Unidos, examinados através dos estudos de Lee (2019) e Allport (1954), a impolidez linguística, por meio dos estudos de Culpeper (1996) e Culpeper e Kadar (2010), perpassando os estudos de face de Goffman (1975, 1982). Os dados foram gerados através de dois questionários desenvolvidos na plataforma Google Forms. A pesquisa foi realizada a partir das respostas de 15 participantes, sendo 13 de origem latina. A análise pragmático-discursiva dos dados se deu de forma interpretativista e seguiu a linha da análise temática (MANEN, 1990). Os resultados mostraram evidências linguísticas de impolidez que ameaçam a face do imigrante latino-americano de modo a contribuir para a manutenção da sua situação periférica no contexto social estadunidense e corroborando estereótipos que acabam por interferir na interação social desses imigrantes.

Palavras-chave: Xenofobia. Imigrantes latinos. Impolidez linguística. Face.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; femanda.silveira72@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-4244-0517>

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; gabiisanfer@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-8761-4651>

- | “Ele me chamou de comedor de burrito”: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos

“HE CALLED ME A BURRITO EATER”: XENOPHOBIA, IMPOLITENESS AND FACE-THREATENING OF LATIN IMMIGRANTS IN THE UNITED STATES

Abstract: This qualitative and ethnographic study aims to approach xenophobia in communicative interactions between Americans and Latino immigrants in the United States through impoliteness in speech and to analyze its influence on the identity construction of this group of immigrants. The theoretical contribution included the concepts of xenophobia and the contextualization of the immigrants’ situation within the social body of the United States, examined through the studies of Lee (2019) and Allport (1954), linguistic impoliteness, through the studies of Culpeper (1996) and Culpeper e Kadar (2010), and passing through Goffman’s face studies (1975, 1982). Data were generated through two questionnaires developed on the Google Forms platform. The survey was carried out based on the responses of 15 participants, of whom 13 were of Latin origin. Data were analyzed pragmatic-discursively based on theme analysis (MANEN, 1990). The results showed linguistic evidence of impoliteness that threatens the faces of Latin American immigrants in order to perpetuate their peripheral situation in the North American social context, corroborating stereotypes that end up interfering with these immigrants’ social interaction.

Keywords: Xenophobia. Latin immigrants. Linguistic impoliteness. Face.

Introdução

A xenofobia está presente na história, mesmo antes de problemas imigratórios tomarem conta do noticiário. Uma vez que o ser humano é um animal que fala, esse tipo de violência é fortemente exposto na linguagem oral. Neste trabalho, buscamos entender de que forma a xenofobia é percebida no discurso por imigrantes de origem latina que residem nos Estados Unidos.

Um artigo apresentado pelo jornal Norte-Americano *The Guardian*, de março de 2018, enquanto o presidente Donald Trump estava há pouco mais de um ano no governo dos Estados Unidos, apresenta o modo como as palavras presentes no documento de mais de 100 anos, que estabelece a missão do departamento imigratório (United States Citizenship and Immigration Services, USCIS), foram mudadas. Palavras que antes identificavam os Estados Unidos como “um país de imigrantes” foram alteradas para “conferir pedidos de benefícios de imigrantes” enquanto “protege os americanos” e “protege a pátria”.

Não foi apenas no documento do USCIS que a visão que alguns estadunidenses possuem de imigrantes foi exposta. Enquanto estava no governo, entre 2017 e 2021, Trump deixou claro em discursos e entrevistas o que estava preso na garganta de seus mais de 70 milhões de eleitores durante o governo Barack Obama. Contudo, a xenofobia permeia a nossa sociedade em raízes muito mais profundas do que entrevistas, discursos e documentos governamentais. Está presente na conversa efêmera do cotidiano, e comentários que muitas vezes podem escapular do nosso senso crítico e aparecem inclusive onde deveríamos estar protegidos perante as leis de direitos humanos existentes, como é o caso das empresas e escolas Norte-Americanas.

Contudo, contrapõe-se à xenofobia crônica ainda presente nos Estados Unidos o número crescente de imigrantes. Dados dos últimos censos mostram que, em um futuro muito próximo, pessoas de ascendência estrangeira serão a maioria no país, e o crescimento da população será formado por pessoas de duas ou mais identidades étnicas (FREY, 2020).

A fisionomia dos Estados Unidos está mudando. Esse fato é importante, pois os EUA influenciam o mundo econômico, o cinema, a música e, conseqüentemente, como nos enxergamos. Nossa identidade, construída desde a televisão que assistimos por diversão, até a língua estrangeira que somos forçados a aprender na escola por uma quase necessidade, é toda permeada pelos padrões coloniais norte-americanos. Entender as transformações populacionais que estão ocorrendo neste país nos ajuda a ter uma ideia do futuro da sociedade como um todo. Essas mudanças, inclusive, são feitas por nós, brasileiros, já que cada vez mais imigramos para os Estados Unidos.

O que os americanos chamam de “*melting pot*” (caldeirão), expressão que de acordo com o dicionário Merriam-Webster (2022) significa “um lugar onde uma variedade de povos, culturas e indivíduos se assimilam em um todo coeso”, seria mais bem comparado com uma salada, em que cada ingrediente pode ser visto separadamente e não se mistura. As características e conseqüências dessa estrutura social heterogênea são abordadas por inúmeras pesquisas dentro da linguística. Como ciência interdisciplinar, a linguística analisa o discurso através de diferentes áreas de estudo, como psicologia, sociologia e filosofia. No contexto heterogêneo das manifestações xenófobas aqui apresentadas, a análise do discurso encontra terreno fértil para inserir essa interdisciplinaridade na observação e discussão do problema.

Dentre os autores aqui citados, começamos com Allport (1954) e Lee (2019) que situam a problemática do preconceito dentro da estrutura social e suas conseqüências psicológicas, e afunilam a questão para dentro do contexto dos imigrantes nos Estados

- | “Ele me chamou de comedor de burrito”: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos

Unidos. Por meio de documentos e observação histórica, exemplificam as matrizes da xenofobia consolidada no país. Em relação à linguagem, Austin (1962) e Goffman (1982) dedicaram parte dos seus estudos para entender como a língua, sendo produto de um contexto histórico-social pré construído, deve ser analisada levando-se em consideração a posição do sujeito na conjuntura em que está inserido e como isso determina seu discurso ao comunicar-se com o outro e construir relações comunicativas. Culpeper e Kaddar (2010) e Van Dijk (2017) estreitam a análise para manifestações linguísticas impolidas que nos ajudam a entender conceitos de preconceito e xenofobia dentro da língua como ferramenta de organização social.

O presente estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico que busca investigar o uso de linguagem xenofóbica dentro de instituições americanas. Através dos relatos dos participantes deste trabalho, nos propomos a identificar instâncias de impolidez e ameaça à face tratadas na área da Pragmática, com o objetivo de analisar a xenofobia e seus efeitos perlocucionários sob a perspectiva linguístico-discursiva.

Aporte teórico

O referencial teórico deste trabalho foi estruturado com a finalidade de elucidar os pontos e as questões trazidas aqui, explorando teorias que denunciam como a xenofobia, a impolidez e o preconceito, presentes em contextos interculturais da sociedade estadunidense, acabam ressignificando o comportamento social de imigrantes.

Iniciamos com o conceito de xenofobia debatido pelo psicólogo social americano Gordon Allport (1954) e pela historiadora ágio-americana Erika Lee (2019), para abordar os critérios e as motivações para a exteriorização do preconceito direcionado a diferentes grupos de estrangeiros nos Estados Unidos. Em seguida, trazemos os conceitos relacionados aos atos de fala elaborados por Austin (1962) e como tais conceitos dialogam com a xenofobia, uma vez que, como explicita o autor, a língua vai além do enunciado e carrega em si todo o contexto histórico e social dos interlocutores. Em seguida, apresentamos o conceito de face ancorado nos estudos de Goffman (1975, 1982) que são indispensáveis para a análise deste trabalho, uma vez que abordam questões de auto identidade e o empenho do respeito a tal dentro da comunicação. Para contribuir à análise da xenofobia dentro das pesquisas trazidas aqui, juntamente com os estudos de Van Dijk (1987, 2017), linguista neerlandês que discute a xenofobia dentro do contexto conversacional, contamos com a teoria da Impolidez, impulsionada por Culpeper (1996) e Culpeper e Kaddar (2010), linguista inglês que baseou seus estudos em teóricos que trouxeram esse conceito anteriormente, mas que o autor desenvolve e enriquece.

Xenofobia

Como explica Allport (1954), a xenofobia é uma consequência de crises econômicas que ameaçam os privilégios de determinado grupo causando assim a hostilidade contra estrangeiros. Esse medo ou repulsa é fomentada pelo distanciamento social. O autor explica que comunidades que estão mais próximas, onde crianças crescem mais abertas à absorção cultural de outras pessoas, tendem a ser menos preconceituosas e menos propensas a ideologias racistas.

Lee (2010) explica que esse medo de estrangeiros está enraizado no racismo. Tal preconceito é engendrado na história estadunidense, que embora se autointitule um país de imigrantes, possui essa “característica como constante definidora da vida americana” (*ibid.*, p. 7) e é integrado ao seu capitalismo, sua idolatrada democracia e relações exteriores.

Imigrantes, declarou um jornal partidário, eram a principal fonte de crime no país. Seu amor pelo álcool levou à embriaguez pública, ao tráfico de bebidas e ao crime. Como resultado, os imigrantes eram muito mais propensos a serem presos do que os cidadãos nativos, afirmou a publicação, e crimes violentos, incluindo conflitos trabalhistas, estavam atingindo proporções epidêmicas em muitas das principais cidades dos EUA. (LEE, 2010, p. 54).

Os estudos de Lee explicitam cronologicamente a xenofobia nos Estados Unidos desde a primeira onda de imigrantes alemães nos anos 1820, até os dias atuais, com a Islamofobia em voga. A autora atravessa a história dos imigrantes latinos, mais especificamente os mexicanos. É interessante notar como, através dos acontecimentos e situações sofridos por esses imigrantes latinos ao longo da história, percebemos a “gradação de rejeição” como é denominada por Allport, isto é, *in-groups*, nesse caso estadunidenses, contra os *out-groups*, imigrantes.

Começando pela primeira camada da escala de gradação de rejeição, a Articulação, Allport (1954) explica que falas xenófobas expostas dentro de um grupo, como piadas e comentários ofensivos, nem sempre têm a intenção de ofender o sujeito de quem se fala, mas fortalecer o *in-group*, ou seja, o grupo ao qual o interlocutor pertence. Segundo o autor: “Para cimentar isso [...] o *in-group*, ajudou os seus membros a insultar e menosprezar um *out-group*. [...] a hostilidade aos *out-groups*, embora não seja necessária a solidariedade dentro do *in-group*, pode servir para fortalecê-la.” (ALLPORT, 1954, p. 49).

- | “Ele me chamou de comedor de burrito”: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos

Mexicanos, por exemplo, vêm recebendo rótulos que os estigmatizam numa posição de trabalho barato, manual e pesado, rótulos enunciados através de documentos, discursos políticos, até alcunhas normalizadas entre seus patrões brancos. Esse tipo de manifestação xenofóbica acaba por se estender a diferentes grupos de latinos, ainda que não-mexicanos, uma vez que há um forte determinante do estereótipo latino nos Estados Unidos, intitulado todos como “mexicano” (LEE, 2010).

Ao analisarmos essas rotulações segundo a escala elaborada por Allport, podemos entender que tais situações xenofobas têm relação com a consolidação da identidade estadunidense, classificando o americano branco como superior a qualquer outra “raça”, e não tão necessariamente para expressar hostilidade contra o *out-group*. Contudo, apesar da intenção de excluir latinos possa estar mais ligada a discursos naturalizados por um corpo social xenofobo, do que pelo desejo de rechaçar imigrantes, a xenofobia perpetua esse corpo social excludente.

As duas próximas camadas da escala de Allport são Discriminação e Ataque Físico, que junto com a primeira camada, segundo o autor, são as formas mais comuns de expressão do preconceito, uma vez que tais comportamentos desempenham um papel social e mostram como o sujeito se estabelece dentro de seus próprios grupos. Esses conceitos de *in-groups* e *out-groups* dialogam com os conceitos de face positiva e negativa e impolidez que serão abordados nas próximas seções.

O conceito de Face

Segundo Goffman (1975, 1982), face imputa a ideia da autoimagem a ser protegida pelo indivíduo em contexto comunicativo, sempre sujeita a alterações ao longo da interação, seja de forma positiva: Face Positiva, quando precisa de assentimento, afirmação do outro, ou de forma negativa: Face Negativa, quando o interlocutor não tem o propósito de elevar a face do outro, mas salvaguardar a mesma de qualquer importuno ou incômodo (GOFFMAN, 1975; BROWN, LEVINSON, 1987). Todo indivíduo possui tais faces, e enquanto a face positiva tem o propósito de contribuir para o pertencimento e a aceitação no grupo ou comunidade a qual o sujeito pertence, a negativa tem o propósito de preservação social e ambas têm o propósito de evitar o que a teoria da polidez chama de AAF, ou Atos de Ameaça à Face, nos quais ocorrem situações em que há uma ameaça à face.

Sendo assim, ações que variam de acordo com o contexto cultural dos interlocutores, dependendo das interações interculturais, podem acarretar o excesso ou falta de polidez causando assim o desgaste da face. Destarte, o conceito de atos de fala (AUSTIN, 1962)

situado em situações comunicativas é expandido através das análises de Goffman com o propósito de compreender os elementos das interações discursivas e seus efeitos perlocutórios na face do interlocutor. Essa ideia inerente de face e a incumbência intrínseca de protegê-la traz ao sujeito atitudes perlocutórias como “a mudança de padrões e seqüências naturais de comportamento” (GOFFMAN, 1982, p. 2) ou ao afastamento de situações comunicativas que Goffman explica como a consequência do medo de perder a face.

Além disso, o medo de uma possível perda de sua face muitas vezes impede a pessoa de iniciar contatos em que informações importantes podem ser transmitidas e relacionamentos importantes podem ser restabelecidos; ele pode ser levado a buscar a segurança da solidão ao invés do perigo dos encontros sociais. (GOFFMAN, 1982, p. 39).

Com o intuito de evitar o AAF, os interlocutores de uma conversa empregam a polidez para proteger a face do outro, de acordo com o contexto, e relação entre eles. Entretanto, o conceito de polidez depende do repertório de cada pessoa conforme sua perspectiva histórica, social e pessoal. Sendo assim, dependendo de tais critérios, a fala que tem a intenção de polidez para o locutor pode, na verdade, vir a ferir a face do interlocutor.

Van Dijk (2017) explica que essa “intenção” é enraizada na naturalização de como a sociedade avalia o outro em seus estereótipos. Seriam os “códigos” com os quais os pertencentes do “*out-group*” são inerentemente discriminados e nem sempre revelam a posição ideológica do falante, mas apenas a visão de mundo em que está inserido.

Vemos que os significados de frases, orações, substantivos, nominalizações e adjetivos são alvos possíveis para a expressão de conteúdos que normalmente tomam a forma de conceitos avaliativos. [...] Isto significa que em todas as formas do uso da linguagem que sejam indiretas, citadas ou submetidas a qualquer outro tipo de “codificação”, a utilização de termos avaliativos enquanto tais não é indício de uma posição ideológica: quem escreve pode mesmo rejeitar a relevância da aplicação de tais palavras. (VAN DIJK, 2017, p. 156).

Tais conceitos avaliativos citados por Van Dijk podem acontecer dentro de um contexto de polidez, no qual ambos os interlocutores visam a uma comunicação estável e proteção da face do outro, mesmo falhando com essa intenção por conta de diferenças sociais e econômicas. Contudo, os conceitos também podem ocorrer em um contexto

- | “Ele me chamou de comedor de burrito”: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos

de ataque ou Impolidez. Segundo Culpeper e Kaddar (2010), esse tipo de interação acontece quando o falante ataca a face do ouvinte com a intenção declarada, quando o ouvinte considera o ataque a sua face na fala do outro, ou ambos; ouvinte e falante tendo o consenso do ataque naquele contexto ilocucionário.

Impolidez e xenofobia

Apesar da vasta literatura e outros autores precedendo Culpeper e Kaddar (2010) sobre a ideia de Impolidez, o linguista contribui profusamente para a expansão e esclarecimento dessa área da Pragmática e interação social. O autor parte do conceito de polidez que corresponde a falas e atos ofensivos são dissimulados como ações naturais e empregadas comumente em diálogos.

A polidez como valor torna-se ligada a certos símbolos, formas e rituais que meramente ecoam noções anteriores de facilidade, familiaridade e sociabilidade, e assim a desvalorizam de modo que significam pouco mais do que a etiqueta que regula as interações pessoais. Assim, a polidez está associada menos à forma de interação, à reciprocidade da conversa acomodativa e à consideração do outro, e mais às formas superficiais do discurso educado, como exemplificado nas formas de tratamento, cumprimentos e saudações rituais e um léxico de estoque. (CULPEPER; KADDAR, 2010, p. 88).

Esses diálogos, que denominamos naturalizados, são muitas vezes utilizados ingenuamente a favor do enrijecimento social já mencionado como ferramenta importante a manter *out-groups* à margem.

Van Dijk (1987) explica como a polidez é usada nesse aspecto social, perpassando o estigma da negação do preconceito em falas ofensivas como estratégia de proteção da face dos que pertencem ao grupo intolerante. Dessa forma, há a inferiorização de características físicas e culturais de indivíduos de grupos marginalizados como absolvição da infração de tais falas.

Eles não apenas expressam crenças e opiniões étnicas previamente adquiridas e transformadas, mas também se engajam interativamente em comunicações destinadas a “influenciar” outros membros do *in-group*. Eles recorrem a estratégias de discurso persuasivo, como as de autoapresentação positiva e de exibição de competência e afiliação de grupo social, e assim contam histórias ou formulam argumentos que são movimentos na efetiva realização dos objetivos de comunicação. (Van DIJK, 1987, p. 24).

Diante de tais conceitos, tipificar atos de fala como polidos ou impolidos vai além de análises estruturalistas ou semânticas da língua, atravessando a diversidade dos sujeitos e seus lugares de fala no contexto da conversa e como esses sujeitos se percebem e recebem tais atos. Segundo Culpeper (2011), a impolidez se apresenta em três funções: afetiva, de entretenimento e coercitiva.

A impolidez afetiva se apresenta mais usualmente e tem como motivação a falta de controle afetivo ao demonstrar tais sentimentos no momento que a situação acontece. Ocorre quando, ao tropeçarmos em uma pedra, a xingamos como expressão da nossa dor e frustração. Para entendermos a impolidez de entretenimento, precisamos adentrar dois outros conceitos: a impolidez simulada e a impolidez genuína. A impolidez de entretenimento simulada inclui xingamentos e insultos que pretendem simular o ataque à face, mas na verdade envolvem a concepção de carinho. Com a licença para usar a nossa *carioquice*, somos familiarizados com saudações como: “Como você está, sua *vaca*? Há muito tempo não me liga!”. Percebe-se que o uso do xingamento na verdade dissimula o pedido ao afeto, um telefonema, e o ataque à face do outro é obviamente falso. Porém, é importante acrescentar que, se por um lado esse tipo de impolidez se apresenta, é comum que o interlocutor e o interlocutário tenham uma relação afetiva estreita, e estejam ambos familiarizados com o tipo de vocabulário, seus significados e nuances nos contextos a serem utilizados.

A impolidez de entretenimento genuína seria o total oposto da Impolidez Simulada, uma vez que o ataque é legítimo nesse tipo de fala. Embora a Impolidez de Entretenimento tenha a função de, como diz o nome, entreter, fica a pergunta trazida pela função inicial de ferir a face do outro pela impolidez: entreter a quem? Podemos inferir no trabalho do autor que a função da impolidez de entretenimento tem a ver com o conceito de *poder*, a posição de superioridade em relação à situação em que o outro se apresenta. No caso do latino, como imigrante, com sotaque, seu *status* imigratório, sua aparência, falta de escolaridade, entre outros estigmas se tornam combustíveis para piadas de função simulada ou legítima. A terceira função se refere à Impolidez Coercitiva que ocorre quando há o desequilíbrio de poder. Essa função da Impolidez se faz muito relevante neste trabalho, uma vez que é explicitamente a reação do preconceito na fala como agente consolidador da desigualdade estrutural. Segundo Culpeper (2011, p. 226), Impolidez Coercitiva é aquela que reforça essa desigualdade.

Impolidez Coercitiva é que busca um realinhamento de valores entre o produtor e o alvo, de tal maneira que o produtor tenha seus benefícios atuais reforçados ou protegidos (os termos produtor e alvo não precisam necessariamente se referir a indivíduos, mas podem se referir a grupos ou instituições). Trata-se de

- | “Ele me chamou de comedor de burrito”: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos

uma ação coercitiva, que não é do interesse do alvo e, portanto, envolve tanto a restrição de ambiente de ação da pessoa quanto um conflito de interesses. Isto, naturalmente, levanta a questão sobre o que é uma ação coercitiva.

A impolidez coercitiva nasce do imaginário social em relação ao latino, muito presente em narrativas de telenovelas em que o enredo traz a patroa rica, e as “mocinhas sofridas” trabalhando como empregadas. Ocorre também no estereótipo do árabe terrorista, e do asiático como proliferador da COVID-19. Todavia, tais alegorias estão também presentes em filmes e seriados estadunidenses. Embora este não seja o contexto em foco deste trabalho, é importante lembrar o impacto das mídias sociais e televisivas na percepção de determinados grupos na sociedade e como tais percepções e repetições de determinados discursos consolidam a imagem do imigrante como inferior, delimitando sua posição na sociedade a seus estereótipos.

Metodologia

Através da interpretação e da análise de dados, a pesquisa qualitativa visa aprofundar-se em questões que circundam a sociedade. Porém, tal análise não se estabelece a partir de padronizações numéricas, comuns a pesquisas quantitativas. Na pesquisa qualitativa, o foco está no significado das situações para o indivíduo, pois amplia a visão sobre o contexto para além de uma pesquisa com resultados padronizados (GOLDENBERG, 1997).

Partindo desse viés, este trabalho se insere na abordagem da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico para entender as consequências da linguagem xenofóbica na ameaça à face dos participantes. Com o objetivo de explicitar o problema e suas causas, o estudo etnográfico visa entender a situação através do contexto humano, levando em consideração suas nuances e percebendo suas particularidades. Denzin e Lincoln (2005, p. 964) consideram o projeto etnográfico como “humanamente situado, sempre filtrado pelos olhos e percepções humanas, e que carrega tanto as limitações quanto as forças dos sentimentos humanos.”.

Goldenberg (1997) salienta que a pesquisa etnográfica depende da biografia do autor, suas opções teóricas, assim como o contexto e as situações em que ocorreu. Ao mesmo tempo em que o pesquisador elabora a pesquisa e tem suas individualidades e experiências permeadas nela, ele deve ser cauteloso para não coagir ou influenciar as respostas dos participantes. Além disso, deve estabelecer um difícil equilíbrio para não ir além do que pode perguntar, mas também, não ficar aquém do possível:

A pesquisa qualitativa depende da biografia do pesquisador, das opções teóricas, do contexto mais amplo e das imprevisíveis situações que ocorrem no dia a dia da pesquisa. Um dos principais problemas a ser enfrentado na pesquisa qualitativa diz respeito à possível contaminação dos seus resultados em função da personalidade do pesquisador e de seus valores. [...] A melhor maneira de controlar esta interferência é tendo consciência de como sua presença afeta o grupo e até que ponto este fato pode ser minimizado ou, inclusive, analisado como dado da pesquisa. O pesquisador deve estabelecer um difícil equilíbrio para não ir além do que pode perguntar, mas, também, não ficar aquém do possível. (GOLDENBERG, 1997, p. 55-56).

É parte importante da pesquisa qualitativa etnográfica a compreensão de que tanto a visão do autor da pesquisa quanto a do participante é igualmente relevante para o processo de análise dos resultados. Richards (2003, p. 15) explica tal conceito, derivado da antropologia: “Os termos às vezes são usados ilegitimamente com força avaliativa, implicando que uma visão de dentro é de alguma forma ‘melhor’ do que uma de fora, quando, na verdade, ambas são potencialmente importantes.”.

Partindo dos critérios metodológicos da pesquisa qualitativa etnográfica explicados, este trabalho busca investigar a influência das experiências de xenofobia vividas pelos participantes e a significação perlocutória dessas experiências na construção interativo-comunicativa dos imigrantes.

Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada em dois momentos diferentes. O primeiro foi o envio de um questionário contendo dez perguntas para diferentes grupos de imigrantes latinos na plataforma Facebook. Também enviamos o questionário para amigos imigrantes da autora residente nos Estados Unidos e pedimos que compartilhassem com outras pessoas na mesma situação. Nossa proposta com o questionário era que os participantes compartilhassem situações xenófobas que haviam sofrido e como aquelas experiências influenciaram a forma como eles se viam inseridos no contexto estadunidense. Para a nossa surpresa e decepção, apenas três pessoas responderam ao questionário.

O segundo momento se deu com um questionário parecido com o primeiro, porém com a diferença de algumas perguntas, uma vez que foram direcionadas para alunos do ensino médio de uma escola pública do estado da Virgínia. Por se tratar de alunos menores de idade e para seguir os requerimentos jurídicos do sistema educacional americano,

- | “Ele me chamou de comedor de burrito”: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos

perguntas relacionadas aos seus países de origem e situação migratória não foram adicionadas ao questionário. Para superar a falta de informações etnográficas, a primeira pergunta questionava como eles se identificavam racial e etnicamente. O questionário foi distribuído para 60 alunos de diversas etnias. Dos 60, 36 alunos de diferentes raças e etnias responderam, dos quais dez se identificaram como hispânicos/latinos.

Esse segundo questionário foi distribuído durante uma das aulas de Estudos Sociais. Após a leitura de um texto sobre inglês como língua franca, o professor³ explicou o conceito de xenofobia, caso os alunos não o conhecessem e pediu que respondessem ao questionário através do *link* que estava acessível no rodapé do documento. As respostas de alguns alunos não latinos também serão analisadas com o propósito de ampliar nosso entendimento sobre o tema. Pretendemos entender como a xenofobia é percebida pelos *out-groups* latinos em comparação aos outros. Dos 36 alunos que responderam, utilizaremos as respostas dos dez participantes que se identificaram como hispânicos/latinos. Dos alunos não-hispânicos/latinos, incluiremos as respostas de três alunos que se identificam como árabes, três que se identificam como asiáticos e um que se identifica como afro-americano. Os outros 19 alunos responderam que nunca experienciaram ou presenciaram alguma situação xenófoba.

O baixo número de responsividade aos questionários desenvolvidos pode ser explicado por três razões. A primeira é o receio de compartilhar informações pessoais, ainda que não haja menção aos seus nomes ou a quaisquer outros elementos descritivos sobre instituições das quais fazem parte. A segunda seria o mero desinteresse ou falta de tempo para escrever sobre a situação, uma vez que tal atividade era totalmente voluntária e sem qualquer retorno financeiro ou educacional. Há também a possibilidade de os participantes estarem evitando lembrar situações traumáticas vividas.

As perguntas que integram os questionários foram pensadas em português e então traduzidas para o inglês, já que é a língua em comum falada por todos os participantes. Como os questionários foram respondidos em inglês, as respostas aqui transcritas foram traduzidas do inglês para o português. Contudo, algumas expressões e palavras são mantidas em inglês por falta de um equivalente ideal em português.

3 O professor mencionado na pesquisa faz parte das relações pessoais da autora residente nos Estados Unidos. É estadunidense e atuou como colaborador da pesquisa, ao aceitar discutir o tema “xenofobia” em uma de suas aulas e distribuir os questionários entre os seus alunos.

Participantes

O primeiro questionário foi respondido por adultos. Chamaremos os participantes que responderam esse questionário de Grupo 1. Os participantes consentiram a utilização dos depoimentos neste estudo e estão cientes de que terão seus nomes ocultados. Dessa forma, utilizaremos apenas a primeira letra de suas nacionalidades e suas idades para identificá-los. O primeiro, S34, tem descendência salvadorenha, e morava no Texas quando experienciou a situação xenófoba relatada no questionário. B30 é brasileira e mora em Maryland. R45 é da República Dominicana e reside na Flórida.

O segundo questionário foi respondido por alunos de ensino médio de uma escola pública da Virgínia. Chamaremos o grupo de participantes que responderam a esse questionário de Grupo 2. Utilizaremos não apenas os casos de participantes latinos, mas também alguns casos de participantes de outras etnias, a fim de expandir nosso entendimento sobre as questões propostas.

Dos 36 alunos que responderam ao questionário, 12 explicitaram que já experienciaram algum tipo de xenofobia e/ou não se sentem pertencentes ao mesmo grupo social que seus colegas. Como os questionários não foram nomeados, utilizamos a primeira letra das etnias com as quais se descreveram em inglês e a ordem em que responderam para identificá-los. Para facilitar a identificação e referência aos participantes deste questionário, organizamos a tabela abaixo.

Quadro 1. Identificação dos participantes

ID	Como se identifica étnica/racialmente	Idade
Hi1	Hispanic because my family is of that descent	15
As2	Asian	16
As3	Asian	15
Hi4	Hispanic	16
Hi5	Hispanic	16
Hi7	Hispanic	15
Hi8	Hispanic	16
Hi9	Hispanic	15
Ar10	Arab/Berber	15
Hi11	Hispanic	15
La12	Latine	16

Fonte: Elaboração própria

- | “Ele me chamou de comedor de burrito”: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos

Não traduzimos as etnias, pois não há o equivalente para Middle Eastern em português; o mais próximo seria árabe, todavia o termo “árabe” representa apenas quem nasce em alguns países do oriente médio. Para manter o parâmetro, as etnias serão mantidas em inglês, exatamente como os alunos se identificaram.

Instrumentos de geração e análise dos dados

Os dados foram gerados a partir de dois questionários distribuídos para indivíduos de diversas idades e etnias. O primeiro questionário, contendo perguntas, foi respondido por três participantes entre os dias 04 e 12 de abril de 2022. O segundo questionário foi respondido entre os dias 20 de abril e 20 de maio de 2022. As perguntas de ambos os questionários foram elaboradas levando em consideração os estudos de impolidez de Culpeper (1996) e de face de Goffman (1982). Dentro dessa conjuntura, as perguntas foram pensadas a partir dos depoimentos dos participantes, visando ressaltar suas diferentes posições dentro da sociedade estadunidense e como tais posições os influenciaram enquanto experienciavam a xenofobia e seus efeitos.

Os dados gerados durante a pesquisa foram agrupados em categorias, seguindo-se a linha da Análise temática proposta por Manen (1990). Segundo o autor, o tema constitui uma forma de capturar o fenômeno que buscamos entender, já que descreve um aspecto da estrutura da experiência vivida. Ao propor a análise temática, Manen (*ibidem*) sugere três abordagens. A primeira considera o “todo” e, dessa forma, o texto é analisado em sua totalidade. A segunda abordagem é descrita como seletiva porque partes relevantes do texto são destacadas para análise e a terceira inclui a leitura e análise detalhada de cada sentença do texto. Esse modelo de análise permitiu a investigação pragmático-discursiva de instâncias xenófobas, como sugere a escala de rejeição proposta por Allport (1954) no discurso dos participantes, considerando as escolhas lexicais referentes à xenofobia, face e impolidez nas respostas dos participantes. Destarte, buscamos responder às seguintes perguntas de pesquisa:

1. Como e por que os imigrantes participantes percebem que sofreram xenofobia?
2. De que modo as instâncias xenófobas aparecem no discurso dos participantes?

Análise e discussão de dados

Salientamos as letras e os números utilizados para identificar os participantes que se referem às suas nacionalidades e idades combinadas para os participantes do grupo 1 e etnia e a ordem na qual responderam ao questionário para os participantes do grupo 2. Os dados foram inseridos e analisados em quatro temas interligados: marcadores linguísticos de xenofobia no discurso dos participantes; impolidez afetiva, de entretenimento e coercitiva; os efeitos do medo de AAF; o desdém em relação à língua materna dos participantes como ataque às suas faces. Sendo assim, os dados serão abordados e analisados de forma integrada, ou seja, os temas mencionados emergirão ao longo da apresentação dos fragmentos selecionados.

Os participantes do Grupo 2 (As2 e As3) são ambos asiáticos, mas apesar desse determinante em comum, eles relatam experiências diferentes trazendo exemplos de xenofobia. Enquanto As2 conta sobre como fizeram piadas sobre seus olhos (“someone made fun of my eyes”), As3 conta que os comentários em sua experiência foram sobre a COVID-19, uma vez que o vírus foi detectado primeiramente no continente asiático (“made jokes mentioning covid”). Já Ar10, participante árabe, conta que os comentários em sua experiência fazem menção ao terrorismo (“the jokes were about bombing”). Percebemos nos dados duas instâncias da escala da rejeição proposta por Allport (1954): anteculação e ataque físico:

Pergunta 3:	Conte com o máximo de detalhes possível sobre uma situação em que você sentiu que alguém foi xenófobo com você na escola.
As2:	Houve uma situação em que <u>fizeram piadas com meus olhos</u> .
As3:	Me insultaram com o <u>apelido que começa com C para asiáticos</u> e fizeram piadas referentes à COVID-19.
Ar10:	Houve <u>piadas sobre bombardeios</u> , etc.

A categoria de rejeição anteculação (ALLPORT, 1954) é percebida quando o participante Ar10 comenta sobre as “piadas” a respeito dos seus olhos e no “apelido” imposto ao participante As3. O ataque físico é outra categoria de rejeição que fica evidente nas “piadas” com os olhos do participante As2. O uso de piadas que inferem negatividade sobre uma característica física ou cultural de um grupo comunica a posição do falante quanto ao ouvinte.

No relato do participante La12 do Grupo 2 para a mesma pergunta, a xenofobia se manifesta através do ataque às suas raízes indígenas:

- | “Ele me chamou de comedor de burrito”: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos

La12:	Havia uma pessoa na minha sala que <u>odiava indígenas bolivianos (como eu) abertamente</u> e ele dirigia os insultos <u>abertamente</u> a mim e ao meu caráter mesmo antes de eu sequer falar com ele.
-------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Nas situações descritas tanto pelos participantes latinos como pelos não latinos, o ato de fala é ameaçador à face dos ouvintes. Com base nos conceitos de face desenvolvidos por Goffman (1985), identificamos elementos linguísticos que denunciam a discrepância social entre os participantes acima pertencentes ao “*out-group*” de imigrantes e seus interlocutores, que se utilizam da impolidez negativa para ferir a face deles, quando La12 diz: “ele dirigia os insultos abertamente a mim e ao meu caráter [...]”. O uso do advérbio “sequer” indica a indignação do participante por não ter a chance de se apresentar e de se fazer conhecer antes de ser insultado.

Os elementos linguísticos utilizados nesses exemplos (“odiava”, “insultos”, “indígenas bolivianos”) se referem ao uso de estereótipos fundamentados em construções sociais nocivas. Estes Van Dijk (2017) descreve como “códigos” com os quais os pertencentes ao “*out-group*” são inerentemente discriminados. “*Chink*”, por exemplo, palavra usada para ferir a face de As3, não tem um significado ou origem exatos, refere-se a chineses e é considerada como um dos insultos mais ofensivos da língua inglesa. O termo é considerado tão ofensivo que As3 nem o menciona, prefere dizer “o apelido que começa com C”. No fragmento “odiava [...] abertamente”, mencionado por La12, a ênfase no advérbio de modo “abertamente”, repetido duas vezes no relato, evidencia a falta de proteção à face naturalizada no contexto xenofóbico.

Nem todo discurso impolido tem o propósito de ferir a face do outro. Dessa forma, o insulto pode não concretizar a relação de poder entre os interlocutores. Para isso, porém, tais interlocutores precisam estar em posição social simétrica. Culpeper (1996) denomina como impolidez de entretenimento simulada a manifestação linguística que simula o ataque à face, mas, em razão de ambos os participantes da interação comunicativa fazerem parte do mesmo *in-group*, o discurso, em vez de ofensivo, tem o propósito de entreter os participantes do diálogo e consolidar relações dentro deste grupo, como observamos no quadro a seguir:

Pergunta 3:	Conte com o máximo de detalhes possível sobre uma situação em que você sentiu que alguém foi xenófobo com você na escola.
Hi6:	Alguém me chamou de “ <i>beaner</i> ”
Pergunta 4:	Porque você acha que aquela experiência foi um ataque à sua nacionalidade?
Hi6:	Não foi bem um ataque, pois ele também era um “ <i>beaner</i> ”.

Pergunta 8:	Conte com o máximo de detalhes sobre um momento que você talvez tenha sido xenofóbico com alguém na escola?
Hi6:	Chamei ele de “ <i>beaner</i> ” de volta.

Hi6 responde às perguntas 5, 6 e 7 respectivamente que essa experiência não mudou a forma como ele se vê, não se sente hesitante em suas relações e que se sente pertencente ao mesmo grupo social dos colegas. O ato perlocutório aqui alcançado pela impolidez de entretenimento simulada foi de interação simétrica, onde não houve perda da face do participante, mas a contribuição para o entrosamento dos sujeitos como pertencentes ao mesmo *out-group*.

Ao contrário da simulada, a impolidez de entretenimento genuína faz uso de elementos linguísticos que intencionalmente ou por mera insipiência ferem a face do interlocutor:

Pergunta 4:	Por que você acha que aquela experiência foi um ataque à sua nacionalidade/etnia?
Hi8:	Porque ele me chamou de comedor de burrito.

Neste excerto, o participante recebe um insulto em decorrência da sua nacionalidade quando é chamado de “comedor de burrito”, visto que reduz a pessoa a um prato típico do seu país. Em comparação ao exemplo anterior, em que Hi6 é adjetivado como “*beaner*” (*beans*, ou feijão em português, outra comida conhecida por ser consumida por latinos e utilizada de maneira pejorativa) por outro hispano, no exemplo de Hi8, o caráter perlocucionário do ato da fala impolida é exposto nas suas respostas a seguir:

Pergunta 5:	Essa experiência mudou como você se enxerga?
Hi8:	Sim, pois eu vivo numa vizinhança onde a maioria é branca
Pergunta 6:	Você se sente mais hesitante em seus relacionamentos na escola depois da experiência xenofóbica?
Hi8:	Sim, pois tenho menos liberdade

No relato de H8, a manifestação da impolidez está ligada ao estereótipo representado pelo marcador linguístico “comedor de burrito” e tem como resultado levar o interlocutor a enxergar-se diferente em relação aos seus vizinhos participantes do *in-group*, classificado por ele como “maioria branca”. Esse ato perlocucionário se confirma na resposta à Pergunta 7:

- | “Ele me chamou de comedor de burrito”: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos

Pergunta 7:	Você sente que pertence ao mesmo grupo social que seus colegas?
Hi8:	Às vezes, nem sempre.

A locução adverbial “às vezes”, corroborada por “nem sempre”, explicita como Hi8 percebe-se enquanto pertencente ao seu grupo social. Uma vez que Hi8 está fora de sua comunidade imaginada (NORTON, 2013), quando menciona na pergunta 6 que a maioria dos seus vizinhos é de etnia branca, indica essa carência de se identificar com os indivíduos do *out-group*, influenciando assim as suas interações sociais.

A impolidez dirigida a latino-americanos está muitas vezes ligada a estereótipos concretizados e naturalizados na sociedade estadunidense. Adjetivos como “barulhentos”, “rudes”, “pobres”, “ignorantes” contribuem para a construção identitária dessas pessoas e são presumidos em discursos do cotidiano. No excerto a seguir, Hi9 relata como esses estigmas contribuem para ferir a sua face com a intenção de elogio utilizando os critérios que classificam o falante como parte do *in-group*:

Pergunta 3:	Conte com o máximo de detalhes possível sobre uma situação em que você sentiu que alguém foi xenófobo com você na escola.
Hi9:	Eles me viram como diferente, pois eu sou hispano. Como se eles estivessem <u>surpresos que eu tenho boas maneiras e sou respeitoso</u> .
Pergunta 4:	Por que você acha que essa experiência foi um ataque à sua nacionalidade/etnia?
Hi9:	Não foi um ataque, só me fez sentir como se eles <u>pensassem</u> que eu seria <u>desrespeitoso</u> porque a maioria dos hispanos às vezes é rude.

Ao analisarmos o uso do verbo “pensassem” no relato acima, destacamos como a polidez é utilizada nesse aspecto social de reforço dos estigmas (VAN DIJK, 1987). O sujeito do verbo “pensar” neste fragmento é parte do *in-group* que carrega a ideologia pré-construída do latino rude e desrespeitoso. Hi9 não apenas utiliza a terceira pessoa do plural quando se refere aos hispanos, como também emprega os estigmas aludidos a esse *out-group* no interdiscurso.

A ameaça à face do interlocutor por meio do enunciado xenófobo pode ter diferentes efeitos em seus atos perlocucionários como vimos anteriormente desde os estreitamentos relacionais dentre membros do *in-group* e o estímulo às suas características identitárias, até a negação dessas mesmas características, reforço de estigmas por discursos reproduzidos e a renúncia do indivíduo ao seu grupo social. Todavia Goffman (1975) apresenta um outro estágio das consequências da ameaça à face: o isolamento do indivíduo, o que favorece sua posição do *out-group*. Esse isolamento pode ser visto na continuação do relato do participante La12 do Grupo 2. O ato locutório de atacar às suas raízes indígenas (“*openly*

hated on indigenous Bolivians”) causa o ato perlocutório de influenciar a forma como ele se comunica a partir de tal experiência:

Pergunta 5:	Essa experiência mudou a forma como você se vê:
La12:	Sim, eu acredito que aquilo <u>me fez não querer falar</u> mais porque eu senti como se eu tivesse sido <u>silenciado com seus ataques constantes</u> .

La12 menciona que os ataques lhe foram lançados mesmo antes de ele sequer falar, mirando em seus traços étnicos (“ele dirigia insultos [...] mesmo antes de eu sequer falar com ele”). No excerto acima, 12 indica que foi “silenciado” pelos comentários a que foi submetido. O preconceito se materializa em (im)polidez linguística através da forma verbal “silenciado” no particípio passado, indicando, no uso da voz passiva, o sofrimento da ação por parte do participante e a sua conclusão do ato perlocutório resultante dos ataques a sua face baseados em estigmas pré-construídos em torno dos seus traços físicos (ALLPORT, 1954).

Esses ataques xenófobos perpassam os estigmas socioculturais (nível escolar, econômico, o uso de comidas típicas como apelidos), além do ataque físico, como já vimos no caso do participante La12 sobre suas características indígenas. No relato a seguir, Hi11 também menciona o ataque físico e como esse tipo de manifestação xenófoba influenciou sua forma de se relacionar socialmente:

Pergunta 3:	Conte com o máximo de detalhes possível sobre uma situação em que você sentiu que alguém foi xenófobo com você na escola.
Hi11:	Fizeram piada por eu ser mais <u>escuro</u>
Pergunta 7:	Você sente que faz parte do mesmo grupo social que os seus colegas?
Hi11:	Não, porque eu <u>não sei como me comunicar</u>

No fragmento destacado, Hi11 se vê como alguém que não faz parte do mesmo grupo social que seus colegas por acreditar que não possui a fluência necessária para se comunicar. Essa evitação ao ritual de interação é um meio de proteção da própria face, como explica Goffman (1992), sujeitos que passaram por situação de ataques às suas faces anteriormente agora preferem a solitude aos perigos dos encontros sociais. Vale esclarecer, caso tal informação não tenha sido presumida pelos dados aqui já estabelecidos, que os alunos participantes do Grupo 2 são proficientes em língua inglesa. Sendo assim, Hi11 detém o poder lexical e semântico de se comunicar em inglês, mas suprime sua habilidade de comunicação para proteger sua face como consequência dos estereótipos estabelecidos sobre a comunidade da qual faz parte.

- | “Ele me chamou de comedor de burrito”: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos

No grupo 1, no qual os participantes são adultos, o ato perlocutório também aparece no relato de B30:

Pergunta 7:	Essa experiência xenófoba mudou a forma como você se vê em nível profissional e pessoal?
B30:	Sim, eu fico muito <u>preocupada</u> quando eu estou ao telefone com cliente, eu evito <u>o máximo que posso ligar ou atender suas ligações</u> . Eu prefiro lidar com tudo por e-mail, já que assim eu me sinto mais confortável. Eu fico muito <u>ansiosa e nervosa no telefone</u> , mesmo estando trabalhando nos EUA por 7 anos.

A presença do adjetivo “preocupada” é o efeito perlocutório obtido após a experiência xenofóbica vivida por B30 e denota a emoção sentida pela participante ao precisar usar a língua inglesa no contexto profissional. Percebemos também as emoções negativas sentidas pela participante através das escolhas lexicais “ansiosa e nervosa” e sua preferência por permanecer na sua zona de conforto (COLOMBO GOMES, 2006, 2018), quando diz: “eu prefiro lidar com tudo por *e-mail* já que assim eu me sinto mais confortável”. Consequentemente, há um evitamento de contato direto com o falante nativo, a fim de preservar a sua face.

A impolidez coercitiva, segundo os estudos de Culpeper e Kaddar (2010), é visível no fragmento retirado da resposta abaixo “O mesmo ficou muito nervoso”. Culpeper (1996, p. 355) explica que “quanto maior a imposição do ato, mais poderoso e distante o outro é, mais danoso à face o ato provavelmente será.”. Dessa forma, a impolidez ocorre com mais frequência em situações em que há um desequilíbrio de poder que se reflete em enunciados discriminatórios:

Pergunta 5:	Conte com o máximo de detalhes possível sobre uma situação em que você sentiu que alguém foi xenófobo com você no trabalho.
B30:	Certa vez, eu atendi o telefonema de um cliente e não conseguia entender o que ele estava dizendo por causa do barulho no fundo, então eu pedi que ele repetisse a pergunta duas vezes. O mesmo ficou muito nervoso e me falou para eu voltar para o meu país [de origem], já que eu não entendia nem falava inglês e desligou o telefone.

O ato de fala xenófobo é revelado no trecho “me falou para eu voltar para o meu país”, assim, utiliza o marcador étnico para ferir a identidade do sujeito imigrante de forma a inferiorizá-lo. Apesar do não trabalho não abordar identidade, percebemos que as noções de sujeito e de identidade caminham juntas quando nos referimos à representação e à ação na linguagem. Contudo, as consequências do ataque à sua face vão além das emoções e da evitação de falar ao telefone:

Pergunta 10:	Você sente que faz parte do mesmo grupo social que seus colegas nativos e imigrantes?
B30:	Sim, eu me sinto parte de um grupo que entende as dificuldades de ser um imigrante e para mim é mais fácil ser amigo de imigrantes do que de pessoas americanas.

Segundo Norton (2013), essa facilidade em fazer amizades com imigrantes é caracterizada pelo sentimento de pertencimento à comunidade imaginada da qual o sujeito imigrante faz parte. Mesmo que não conheça todos os integrantes do seu *out-group*, B30 expressa, através da forma verbal “entende”, o sentimento de pertencimento através da necessidade de ter suas dificuldades compreendidas por esses outros membros que, como critério, devem vivenciar a mesma situação.

Podemos observar que todos os depoimentos analisados têm em comum o ato perlocucionário da fala xenófoba. Seja dentro de uma interação simétrica, por meio da impolidez de entretenimento simulada, em que a perlocução se constitui através do estreitamento de relações de membros do *out-group* e solidificação das suas identidades, ou dentro de uma interação onde haja o ataque à face do imigrante.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi investigar instâncias de xenofobia por meio de interações discursivas entre americanos nativos e imigrantes. Além disso, buscamos entender como essas interações, frutos do interdiscurso vigente, carregado de estereótipos que caracterizam e discriminam o latino, moldam suas interações sociais. No decorrer da pesquisa, foi possível identificar os diferentes tipos de impolidez tratados por Culpeper (1996) e Culpeper e Kaddar (2010) como ferramentas linguísticas para o ataque à face do outro. Ao identificar a impolidez nos discursos apresentados nos dados coletados para este trabalho, reconhecemos como a posição social, histórica, econômica e cultural do locutor no momento da fala influencia o seu enunciado que vem carregado das próprias visões de mundo que serão compreendidas através das visões de mundo do ouvinte.

Através das respostas aos questionários, esmiuçamos os elementos linguísticos que se fizeram mais relevantes enquanto instâncias de xenofobia em relação aos indivíduos do *out-group*. As respostas salientaram como os atos perlocutórios da xenofobia vão além de sentimentos e que esses sentimentos se enraízam em concepções e constituições sociais. As consequências dos discursos xenófobos trazidos aqui se mostraram consolidadas em hábitos e relações sociais de interação e/ou isolamento.

- | “Ele me chamou de comedor de burrito”: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos

Este estudo foi fundamentado em três perguntas. A primeira pergunta foi: como e por que os imigrantes participantes percebem que sofreram xenofobia? Essa pergunta foi respondida por meio das respostas das questões 5 e 6 do questionário 1 e questões 3 e 4 do questionário 2 (Conte com o máximo de detalhes possível sobre uma situação em que você sentiu que alguém foi xenófobo com você e por que você acha que aquela experiência foi um ataque à sua nacionalidade/etnia?). De acordo com as respostas, e com os teóricos aqui estudados, os imigrantes percebem a xenofobia quando têm sua face atacada por meio da impolidez. Embora as análises não tenham sido realizadas diretamente na fala xenófoba, mas nas narrativas das experiências, essas narrativas vieram carregadas de marcadores linguísticos que identificaram e denunciaram a falta de cuidado com a face dos imigrantes, consequência da xenofobia oriunda da sociedade estadunidense.

A segunda pergunta, “de que modo as instâncias xenófobas aparecem no discurso dos participantes?”, foi respondida através dos trechos retirados das respostas dos participantes e as manifestações de impolidez nas falas direcionadas a eles. Podemos reconhecer os elementos linguísticos, como xingamentos, adjetivos e verbos no imperativo que exemplificam a xenofobia nas respostas dos participantes e fundamentam a percepção do preconceito experienciado pelos imigrantes latinos.

Apesar do trabalho ter um cunho mais indagativo do que reparador, cuja proposta seja mais de questionar e fomentar o diálogo sobre os assuntos aqui abordados e menos de trazer uma solução, esperamos que este estudo seja relevante para estudantes e professores de inglês como língua estrangeira ou até mesmo falantes nativos de inglês, no sentido de provocar uma reflexão crítica acerca do uso e aprendizagem da língua inglesa como língua franca. Embora não vislumbremos este trabalho como uma solução completa, contamos que ele seja parte, ainda que pequena, de uma contribuição vindoura. Cremos que as discussões levantadas não apenas sejam baseadas em estudos da área da linguística aplicada como também retornam a ela em forma de dados e análises para ampliar e acrescentar elementos às pesquisas sobre xenofobia e impolidez.

Referências

ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. Massachusetts: Addison-Wesley, 1954.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BROWN, P.; LEVINSON, S.C. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: CUP, 1987.

COLOMBO GOMES, G. S. A promoção do êxodo da zona de conforto em uma aula de língua inglesa em contextos diferentes. **Soletras**, n. 35, p. 145-166, 2018.

COLOMBO GOMES, G. S. **A promoção do êxodo da zona de conforto em uma sala de aula de língua inglesa**: a importância do papel da reflexão e da interação. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. **Journal of Pragmatics**, v. 25, p. 349-367, 1996.

CULPEPER, J.; KADAR, D. Z. **Historical (Im)politeness**. LI. 65. Linguistic Insight: studies in Language and Communication. Peter Lang AG 2010.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. 4. ed. SAGE Publications, 2011.

FREY, W. H. **The nation is diversifying even faster than predicted, according to new census data**. 1 jul. 2020. Disponível em: <https://www.brookings.edu/research/new-census-data-shows-the-nation-is-diversifying-even-faster-than-predicted/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975 [1959].

GOFFMAN, E. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. New York: Pantheon Books, 1982.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GORDON, A. W. **The nature of prejudice**. Massachusetts: Addison-Wesley, 1954.

LEE, E. **America for Americans: A history of xenophobia in the United States**. New York: Basic Books, 2019.

- | “Ele me chamou de comedor de burrito”: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos

LEE, E.; YUNG, J. *Angel island: immigrant gateway to America*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

MANEN, M. V. **Researching lived experience**: human science for an action sensitive pedagogy. New York: State University of New York Press, 1990.

MELTING POT. *In*: **Merriam-Webster**. Britannica Company, 2022. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/melting%20pot>. Acesso em: 12 maio 2022.

NORTON, B. Language, identity and the ownership of English. **TESOL Quarterly**, v. 31, n. 3, p. 409-429, 1995.

RICHARDS, K. **Qualitative Inquiry in TESOL**. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

VAN DIJK, T. A. **Communicating Racism**. California: Sage Publications, 1987.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2017.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: SILVEIRA, Fernanda Vieira da Rocha; FERREIRA, Gabriella dos Santos. “Ele me chamou de comedor de burrito”: xenofobia, impolidez e ameaça à face de imigrantes latinos nos Estados Unidos. **Revista do GEL**, v. 19, n. 2, p. 240-263, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 21/07/2022 | Aceito em: 30/08/2022.
